

DOCUMENTO PREPARATÓRIO

9ª Assembleia de Pastoral Diocesana

MEMÓRIAS, CAMINHOS E SONHOS



DIOCESE DE JABOTICABAL

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	01
Prorrogação do Plano e Tempo de Discernimento	02
O Trabalho do Secretariado de Pastoral	05
Memórias: “O Histórico de nossas Assembleias”	07
Caminhos: “Encontros Sinodais Diocesanos”	14
Sonhos: “Preparação para a 9ª Assembleia”	19
O Rosto de nossa Igreja Diocesana	42
Cronograma - Itinerário da Assembleia Pastoral 2025	46
Participantes da 9ª Assembleia	48
CONCLUSÃO	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

APRESENTAÇÃO

“De fato, o Reino de Deus é como um patrão que saiu de madrugada para contratar trabalhadores para a sua vinha”

(Mt 20,1)

O presente subsídio surge da necessidade de nos prepararmos para a 9ª Assembleia de Pastoral Diocesana. Certamente será uma ocasião proporcionada pelo Espírito Santo, que apontará caminhos concretos e realizáveis em clima sinodal na vida pastoral em nossa Diocese, em favor do Reino de Deus e da vida que acontece aqui, em nosso tempo. Será um trabalho árduo, que desafiará cada um na sua totalidade (corpo e psiquê) e também o Corpo Eclesial, em todas as estruturas humanas.

O título do subsídio “Memórias, Caminhos e Sonhos”, destinado a todos os que participarão da 9ª Assembleia, remete ao objetivo de reforçar a consciência eclesial diocesana, sintonizando-nos com a vida vivida da nossa Igreja Particular: sua história que já conta 95 anos, seu presente cheio de oportunidades e instigações à luz do Sínodo sobre a sinodalidade, a perspectiva de colaborar com um futuro melhor e mais sintonizado com o compromisso evangelizador do inteiro Povo de Deus.

É importante que todos os participantes da Assembleia recebam, conheçam e leiam este material antes da realização da mesma, atentos à caminhada atual da Igreja Diocesana em grande parte como fruto de um caminho que vem sendo trilhado desde a 1ª Assembleia, percebendo pontos de vista e decisões do passado.

A partir deste material, temos a esperança que todos possam, em espírito de comunhão e participação, colaborar para que a Igreja Particular de Jaboticabal, da qual hoje fazemos parte, continue desenvolvendo a sua missão, irradiando a luz de Cristo através de todos os que, fielmente, exercem seus ministérios e carismas.

PRORROGAÇÃO DO PLANO E TEMPO DE DISCERNIMENTO

Os Bispos do Brasil, diante da necessidade de pensar novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora, decidiram prorrogar as Diretrizes anteriores (2020-2023) e estabeleceram um itinerário de discernimento: *“Em estilo sinodal e com estruturas que garantam maior comunhão e participação de todo Povo de Deus, reconhecemos a **validade das atuais Diretrizes (2020-2023)**, e propomos um itinerário que aprofunde e integre os desafios dos novos contextos. Cremos que, conhecendo-o, poderemos assumi-lo com mais empenho e alegria, como uma construção coletiva e dele participarmos de forma solidária, ativa e corresponsável”*.

Com isto, na dinâmica sinodal, o episcopado brasileiro convidou o Povo de Deus a um tempo especial de discernimento marcado por um prolongamento do tempo de escuta, pela recepção e aprofundamento das indicações do “Sínodo sobre Sinodalidade” e pela elaboração do novo Plano de Pastoral Diocesano no contexto do Jubileu de 2025 que tem como tema “Peregrinos da Esperança”.

TEMPO DE DISCERNIMENTO NA DIOCESE DE JABOTICABAL

Após a análise da Carta dos Bispos e considerando a realidade da Diocese de Jaboticabal, a partir da síntese diocesana da escuta sinodal realizada nos anos de 2021/2022, foi decidido e aprovado pelo CPD (Conselho de Pastoral Diocesano), em 17 de setembro de 2022, a elaboração de um breve itinerário para facilitar o “tempo de discernimento”, considerado pelo CPD não apenas providencial, mas também adequado para fortalecer e aprimorar sua nova composição, fomentando em todos os seus membros a consciência de sua função e corresponsabilidade, oriundas da dignidade batismal e do compromisso com o Povo de Deus.

Contudo, compreendeu-se que em nossa Diocese, o Plano de Pastoral 2020-2023 deveria se prolongar por mais um tempo e, assim,

os seus “focos” para a ação pastoral (pobres, família e juventude), bem como seus objetivos e responsabilidades continuariam em evidência. Diante destes entendimentos, definiu-se um caminho de trabalho para os anos 2023, 2024 e 2025 na Diocese de Jaboticabal, da seguinte forma:

ANO DE 2023

[3º Ano Vocacional Nacional]

1. RETOMADA DO PROJETO “SETORIZAR PARA EVANGELIZAR”:

O objetivo foi dedicar-se à setorização da Paróquia, priorizando a formação das pequenas comunidades, “resgatando” os fiéis que se afastaram devido à pandemia e trabalhando a dinâmica missionária e vocacional.

2. ORGANIZAÇÃO DAS COMISSÕES PASTORAIS:

A pastoral diocesana na Diocese desenvolve-se a partir de seis Comissões. Elas foram criadas no contexto da preparação para a 8ª Assembleia de Pastoral, em 2019, com o objetivo de “aliviar” o peso, o desgaste pastoral que há tempos, padres e leigos já sentiam diante da realidade de mudança de época. Estas Comissões visam impulsionar o que já está encaminhado; trabalhar seu fortalecimento; formular suas diretrizes e seus objetivos; acompanhar as ações de seus grupos destinatários (Pastorais, Movimentos, etc).

3. ESCUTA SINODAL:

O exercício de escuta sinodal produziu um rico material, cuja Síntese Diocesana, enviada em forma de contribuição para o Sínodo, serve para iluminar e trabalhar a vida pastoral e missionária da nossa diocese.



ANO 2024

[Ano de Oração em vista do Jubileu de 2025]

A Diocese ofereceu algumas **“Orientações Pastorais Diocesanas”**, fruto da reflexão da Escuta Sinodal realizada. A partir dos encontros e escutas sinodais, construiu-se o texto intitulado **“O Rosto da Diocese”**, que ajudou a dar os passos seguintes da preparação da 9ª Assembleia. O ano 2024, em sintonia com a Igreja no mundo inteiro e a pedido do Santo Padre, é um ano dedicado à preparação e organização do Jubileu 2025.

ANO 2025

[Ano Jubilar]

Em contexto e “espírito” jubilar, percorreremos um itinerário para a elaboração do Plano Pastoral Diocesano, em consonância com as novas DGAE e com as indicações do Sínodo sobre a sinodalidade. Realizaremos as duas fases da Assembleia de Pastoral Diocesana respectivamente no Primeiro e no Segundo semestres.



TRABALHO DO SECRETARIADO DE PASTORAL

Definido o caminho de 2023 a 2025, o Secretariado de Pastoral trabalhou da seguinte maneira:

1. ANIMAÇÃO DO ANO VOCACIONAL: A partir do padre assessor e da equipe diocesana do SAV, elaborou-se uma especial programação diocesana para o Ano Vocacional na Diocese contendo, entre outras atividades: comemoração das datas principais das diversas vocações, estudo do Texto-base do 3º. Ano Vocacional, constituição da Equipe Vocacional nas paróquias, oração pelas vocações, temas vocacionais nas novenas dos padroeiros, divulgação vocacional nos diversos encontros juvenis, etc.

2. FORTALECIMENTO DAS COMISSÕES DE PASTORAL: No início de 2023, os presidentes das Comissões Diocesanas foram orientados a organizar suas Diretrizes, fortalecer as Comissões através da composição de seus membros, trabalhar na compreensão e melhor comunicação com seus grupos destinatários e organizar a programação das suas atividades e reuniões. No início de 2024, quando os Referenciais dos Movimentos, das Pastorais, Associações e Novas Realidades foram convidados a participar, reforçaram-se a importância e a necessidade de cada Presidente e dos membros das Comissões se dedicarem ao fortalecimento das mesmas e à comunicação com os grupos que as compõem.

3. ACOMPANHAMENTO DAS FORANIAS: Os Vigários Forâneos e os Leigos que representam as Foranias foram orientados e motivados a:

- a. dedicar o ano de 2023 à retomada do Projeto “Setorizar para Evangelizar”. O Secretariado de Pastoral ofereceu um vídeo que ilustrava os passos do projeto e instruía as Foranias para a compreensão de suas características e da identidade de cada paróquia. Juntos, deveriam viabilizar a melhor forma para aplicar o Projeto Diocesano.

- b. orientar os CPPs das Foranias para organizarem o “Encontro de suas Paróquias com o Bispo”, apresentando a Dom Eduardo a situação da Forania, sua realidade social, religiosa e econômica. O Bispo, por sua vez, orientou os CPPs na linha da missionariedade, enfatizando duas prioridades que deveriam ser assumidas por todas as paróquias: a Pastoral Familiar e o SAV/Pastoral Vocacional.

4. ORIENTAÇÕES PASTORAIS PARA 2024: Foram decididas pelo CPD em 2022 e formuladas em 2023 pelo Secretariado de Pastoral, considerando-se:

- as informações recolhidas dos encontros do Bispo com os CPPs em 2022 e 2023;
- as orientações das “Assembleias das Igrejas Particulares de 2022 e 2023” da CNBB Regional Sul 1;
- as partilhas no Sub Regional Rp1;
- o atual Plano de Pastoral Diocesano.

Aprovadas pelo CPD, na reunião de 31 de outubro de 2023, as Orientações Pastorais Diocesanas/2024 foram apresentadas ao Conselho de Presbíteros em 7 de novembro de 2023, mesma ocasião em que se solicitou aos Vigários Forâneos que as levassem aos padres das Foranias, item que constou na reunião de 21 de novembro de 2023.

Tendo por objetivo seguir o que os Bispos do Brasil viam como caminho até à promulgação das novas DGAE, e em se tratando de um tempo de discernimento, tais orientações estão na linha da centralidade da Palavra de Deus, que deve nortear a vida pastoral diocesana, e da cultura do encontro, que nos desafia a estarmos juntos como Igreja em estilo sinodal, incentivando a vida em comum e a corresponsabilidade na Diocese, bem como estimulando a organização e o vínculo das Paróquias com as Comissões Diocesanas (cf. Orientações: “Guia Diocesano 2024”, às páginas 27, 28, 29 e 30).

MEMÓRIAS:

“O HISTÓRICO DE NOSSAS ASSEMBLEIAS”

ANTES DAS ASSEMBLEIAS...

Após o Concílio Vaticano II, **Dom José Varani** procurou estruturar a vida pastoral na Diocese segundo as linhas orientadores do Concílio, as orientações da CNBB nacional e as indicações da CNBB Sul1. Assim, surgiu algo mais próximo do que entendemos hoje, como Plano de Pastoral. No entanto, não podemos considerar suas iniciativas como Assembleias em vista da criação de planos de pastoral, mas sim, como indicações que seguiram os critérios para formação de pastorais. Eis as prioridades pastorais na história da diocese:

- **1974:** Família, CEBs e Pastoral de Influência (elites);
- **1976-1977:** muito atento ao Concílio Vaticano II concentrou sua preocupação na implantação de Pastorais: CEBs, Pastoral do Batismo, Pastoral Catequética, Pastoral da Juventude, Pastoral dos Direitos Humanos;
- **1978-1979:** CEBs, Pastoral Familiar e Pastoral da Juventude;
- **1980-1981:** CEBs, Pastoral Familiar, Pastoral da Juventude. Em 1981, Dom Luiz Eugênio Perez foi empossado para o governo diocesano e se preocupou em realizar a 1ª Assembleia Diocesana de Pastoral. Àquela altura, nossa Diocese já possuía pastorais, que no processo de implantação das principais ideias do Concílio, haviam sido introduzidas por Dom José Varani.

1ª ASSEMBLEIA DE PASTORAL – 1984

Dom Luiz Eugênio Perez, que havia sucedido dom Varani no governo pastoral da Diocese como Terceiro Bispo Diocesano, preocupou-se em realizar a 1ª Assembleia Diocesana de Pastoral. Àquela altura, nossa Diocese já possuía pastorais, que no processo de implantação das principais ideias do Concílio, haviam sido introduzidas por Dom José Varani. A primeira Assembleia Diocesana, dezenove anos após o final do

Concílio Vaticano II, discorreu sobre os assuntos levantados anteriormente, no governo de Dom José Varani, mas ganhou avanços significativos, sobretudo na preocupação com a formação dos leigos para a vida cristã em sociedade. Destacava-se, nessa época, a vida na Diocese de Jaboatão del-Rey marcada por uma sociedade basicamente rural, de muitos migrantes e situações mais delicadas na área do trabalho rural. Por isso, a Assembleia destacou os seguintes assuntos: Catequese Permanente, CEBs, Família, Justiça Social. E o **1º PLANO DE PASTORAL DIOCESANO** previu cinco projetos ou programas: Catequese, Família, CEBs, Promoção Humana e Pastoral da Juventude.

2ª ASSEMBLEIA DE PASTORAL - 1988

A 2ª Assembleia Diocesana de Pastoral seguiu os objetivos contidos no 10º Plano Bial dos organismos nacionais (Doc 41 da CNBB) e não culminou em um novo Plano, mas elaborou Diretrizes com as seguintes prioridades: Família, CEBs e Catequese.

3ª ASSEMBLEIA DE PASTORAL - 1993

A 3ª Assembleia Diocesana de Pastoral, em espírito de profunda comunhão e diocesaneidade, decidiu por não ter um Plano Diocesano de Pastoral, mas por oferecer apenas Diretrizes Pastorais, sobre as quais cada Paróquia montaria o seu plano paroquial. Optou-se, também, para que essas Diretrizes não fossem mais que três: formar os leigos, aprofundar “fé e política” e formar CEBs.

4ª ASSEMBLEIA PASTORAL - 2000

A 4ª Assembleia Diocesana de Pastoral aconteceu no Ano Jubilar, mas o que melhor marcou esse período foi a preparação para o Jubileu, que contou com uma intensa programação missionária nos anos anteriores. Esta Assembleia adotou uma diretriz e quatro exigências:

Diretriz: “Formar o clero e os leigos, capacitando-os para o diálogo com os formadores de opinião e dirigentes de diversas instâncias sociais e políticas, tendo por objetivo a transformação social, a partir de nossa vivência cristã e engajamento político social”.

1. Exigência do Serviço: Atividade: reorganizar as Pastorais Sociais; **2. Exigência do Diálogo:** Atividade: organizar encontros entre lideranças da Igreja e da Sociedade, buscando soluções para os problemas sociais, a partir do que a Campanha da Fraternidade propõe a cada ano. **3. Exigência do Anúncio:** Atividade: formar um grupo de líderes, sacerdotes e leigos, para elaborar subsídios. **4. Exigência do Testemunho:** Atividade: Formar Grupos de Fé e Política a partir das Pequenas Comunidades.

A Assembleia Diocesana de Pastoral do ano 2000, ainda sob o governo de Dom Luiz Eugênio Perez, não resultou em um Plano de Pastoral, porém, na linha das Exigências, apontou caminhos para a ação da Igreja nos anos seguintes. A proposta foi estender o Projeto SINM (Ser Igreja no Novo Milênio), da Páscoa de 2001 à Páscoa de 2003, quando uma nova Assembleia da CNBB definiria as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora do Brasil para os 4 anos seguintes (2003-2006). Sendo assim, como resultado da 4ª Assembleia Diocesana de Pastoral, e já sob o governo do 4º Bispo Diocesano, Dom Antônio Fernando Brochini, CSS, estabeleceram-se os seguintes **“PROJETOS PASTORAIS DIOCESANOS”**:

ANO 2004: “Formação Bíblica” – Evangelho de Lucas; “Campanha da Fraternidade” – diálogo com a sociedade; “Ir aos outros” – visitas missionárias; “Acolher” – dar mais atenção ao acolhimento em todas as situações; “Melhorar a comunicação” – utilizar melhor os meios disponíveis.

ANO 2005: “Formação Semanal” – Evangelho de Mateus; “Pequenas Comunidades” – multiplicar e intensificar este trabalho; “Missionariedade” – conhecer o PAMP (Projeto de Ação Missionária Permanente); “Destaque à Eucaristia” – aprofundamento sobre a Eucaristia (Ano da Eucaristia); “Celebrações Especiais” – momentos significativos da Comunidade; “Descentralização e ministérios” – consciência e participação.

ANO 2006: “Formação semanal” – Temas da Doutrina Social da Igreja; . “Campanha da Fraternidade” em parceria, visando a sociedade; “Subsídios de Fé e Política” – formar as consciências; “Fórum das Pastoris Sociais” – em cada Paróquia e na Diocese; “Missionariedade e Descentralização” – formar pequenas comunidades.

ANO 2007: “Formação semanal” – “Profissão de Fé” (1ª parte Catecismo da Igreja Católica); “Oração com a Bíblia” – leitura orante da Bíblia, pessoal e comunitária; “Fórum Social” – discutir os principais problemas sociais.

5ª ASSEMBLEIA DE PASTORAL - 2007

A 5ª Assembleia Diocesana de Pastoral também não resultou na elaboração de um Plano Diocesano de Pastoral. O longo processo de trabalho, que aconteceu em duas fases, definiu linhas de ação com projetos objetivos e específicos. Estes projetos foram fundamentados pelas Diretrizes da CNBB. São eles: Família, Catequese, Juventude.

6ª ASSEMBLEIA DE PASTORAL - 2011

A 6ª Assembleia de Pastoral Diocesana contou com um Instrumento de Trabalho e com Orientações para a Fase Forânea. É de se destacar que esta Assembleia, de intenso processo, conduziu ao segundo Plano de Pastoral da história diocesana, propondo ações com o objetivo de despertar criatividade e fornecer material para diversas iniciativas.

Esta Assembleia, em continuidade com a anterior, a 5ª, que havia definido como prioridades, Família – Catequese – Juventude, propôs rever a caminhada dos últimos anos e enfatizou o discipulado e a missionariedade que objetivava planejar a pastoral no quadriênio 2012-2015, definindo:

Prioridades da Ação do Tríplice Múnus de Cristo (e de todos os batizados): Palavra, Liturgia, Caridade. **Campos de Ação:** Pessoa, Comunidade, Sociedade.

Preparação da 1ª Fase (Ver) - agosto e setembro/2010: Paróquias, Pastorais, Movimentos e Novas Realidades estudaram e responderam o Instrumento de Trabalho. **Realização da 1ª Fase (Paroquial) - dezembro/2010:** As Paróquias realizaram sua Assembleia Paroquial.

Preparação da 2ª Fase (Julgar) - fevereiro/2011: O Secretariado sintetizou as indicações das Foranias. **Realização da 2ª Fase (Forânea) - 15 de maio de 2011:** As Foranias reuniram-se para a fase forânea.

Preparação da 3ª Fase (Agir) - maio de 2011: O Secretariado de Pastoral elaborou uma síntese, a partir dos relatórios das Assembleias Forâneas. A partir daí, um esboço do Plano de Pastoral (2012/2015) foi confeccionado. **Realização da 3ª Fase (Diocesana) - agosto de 2011:** Discutiu-se o esboço do Plano e o rumo da caminhada pastoral da Igreja Diocesana. Em cada ano, o CPD deveria dar indicações dos projetos concretos que operacionalizariam o Plano.

À luz das DGAE 2011-2015 (CNBB, Capítulo II), o **2º PLANO DE PASTORAL DIOCESANO (2012-2015)** foi promulgado e divulgado, levando em consideração as 5 Urgências para a Evangelização, com suas Linhas de Ação: Igreja em estado permanente de **Missão**; Igreja: casa da **iniciação à vida cristã**; Igreja: lugar de **animação bíblica** da vida e da pastoral; Igreja: **comunidade de comunidades**; Igreja a serviço da **vida plena** para todos.

7ª ASSEMBLEIA DE PASTORAL - 2016

A 7ª Assembleia Diocesana de Pastoral, já sob o governo pastoral de Dom Eduardo Pinheiro da Silva, SDB, aconteceu no dia 23 de outubro de 2016 e contou com a realização de vários processos em toda a Diocese. Padres, diáconos, religiosos, leigos, associações e novas realidades tiveram participação ativa e contribuíram com várias sugestões para a vida diocesana. Esta Assembleia culminou na promulgação do **3º PLANO DE PASTORAL DIOCESANO (2017-2019)** que, a exemplo da 6ª Assembleia, assumiu aquelas mesmas cinco urgências para a evangelização na Igreja do Brasil.

***Observação:** Em 26 de novembro de 2017, Ano do Laicato, aconteceu um Encontro Diocesano, com a presença do CPD, para orientação sobre a Setorização e a Missão e, também sobre o Plano de Pastoral Paroquial (2018-2019), à luz do Plano de Pastoral Diocesano. Neste momento, colheram-se sugestões, comentários e argumentações de como implantar o Plano Diocesano nas Paróquias. O projeto “SETORIZAR PARA EVANGELIZAR”, que nasceu neste contexto em vista, principalmente das Visitas Missionárias nas casas, é editado em subsídio prático e publicado em fevereiro do ano seguinte.*

8ª ASSEMBLEIA DE PASTORAL – 2019

A 8ª Assembleia de Pastoral Diocesana com a aprovação geral do novo Plano, aconteceu em 17 de novembro de 2019, após diversos e importantes momentos para sua elaboração: (março) revisão do 3º. Plano e definição do itinerário de construção do novo; (junho) formação e estudo sobre as novas DGAE (Doc. 109 da CNBB); (julho) confecção de um comparativo entre o 3º. Plano e as novas DGAE; (agosto) avaliação do Plano anterior e coleta de sugestões na reunião geral do clero a respeito do novo Plano; (setembro) preparação das sínteses das avaliações e sugestões; (outubro) elaboração de uma primeira versão do novo Plano; (novembro) Assembleia Diocesana para coleta de novas contribuições a partir da primeira versão e aprovação geral do texto; (dezembro) elaboração da versão final e promulgação do Plano de Pastoral.

Assim sendo, o **4º. PLANO PASTORAL DIOCESANO (2020-2023)** foi construído no decorrer de todo o ano de 2019 e não somente na Assembleia. Este novo Plano, iluminado pelas Diretrizes da CNBB, apontou para a imagem da casa com seus 4 pilares presentes na ação evangelizadora: palavra, pão, caridade e ação missionária. A missionariedade deveria acontecer, sobretudo, através do projeto missionário diocesano, já em curso, “Setorizar para Evangelizar”. Para melhor nortear os trabalhos nas Paróquias, durante os próximos anos, foram definidos três **focos pastorais**: (2020) POBRE, (2021) FAMÍLIA, (2022) JOVEM E VOCAÇÃO. Além disto, foi elaborada uma página motivadora,

contendo 21 pontos referentes à “Paróquia que sonhamos”, a partir, principalmente, dos Documentos 100 e 109 da CNBB e da realidade de nossa diocese.

Observação: De março de 2020 até o final de 2022, aconteceu a pandemia do COVID 19. Devido a isto, nestes dois anos, os projetos, focos, as metas e prioridades perderam suas forças e não puderam ser totalmente realizados. Em 31 de outubro de 2023, o Secretariado de Pastoral e o Conselho de Pastoral (CPD) ofereceram as **Orientações Pastorais Diocesanas para todo o ano de 2024**, fazendo permanecer, ainda, o último Plano de Pastoral Diocesano (2020-2023), que não havia sido executado inteiramente nos anos propostos.

... RUMO À 9ª ASSEMBLEIA DE PASTORAL – 2025

No dia 07 de fevereiro de 2024 aconteceu a primeira reunião do CPD e a apresentação aos seus integrantes de um possível itinerário para a construção do novo plano de Pastoral.

O CPD teve a missão de avaliar as propostas, fazer suas considerações, alterações, observações e aprovações, recolhidas pelo secretariado de Pastoral para outras adaptações e alterações necessárias.

Propostas avaliadas e alterações feitas, tal roteiro recebeu a apreciação e as contribuições de Dom Eduardo, definindo-se, então, o itinerário para a construção do Plano de Pastoral Diocesano e o caminho para a realização da Assembleia de Pastoral Diocesana, tendo como critério o método “ver, julgar e agir”, que em contexto sinodal compreendemos como “escutar, discernir e decidir”.

- 1) **“Ver” / “Escutar”** – Período para melhor conhecimento da Diocese de Jaboticabal, através de diversos encontros, iniciados em 2023 e finalizados no primeiro semestre de 2024;
- 2) **“Julgar” / “Iluminar” / “Discernir”** – Realização no primeiro semestre de 2025.
- 3) **“Agir” / “Decidir”** – Realização no segundo semestre de 2025.

A conclusão das etapas acima descritas ocorrerá com as fases do **“Celebrar” e “Praticar”**, isto é, com a aplicação dos resultados do caminho percorrido e da Assembleia, em toda Diocese.

CAMINHOS: “ENCONTROS SINODAIS DIOCESANOS”

Com um itinerário já idealizado para a construção do novo Plano de Pastoral e revisto o histórico das Assembleias anteriores, ainda no 1º semestre de 2024, fez-se necessário preparar os leigos e os presbíteros para a 9ª Assembleia Diocesana. Esta tarefa, muito desafiadora e exigente, com o objetivo de tornar a Assembleia um acontecimento não só importante, mas necessário para os caminhos que a Igreja Diocesana almeja alcançar, demandou grande esforço para manter a proximidade e o diálogo entre seus principais responsáveis e contou com alguns encontros, que foram realizados seguindo o método sinodal da escuta e oração.

a. **O ENCONTRO COM OS COORDENADORES DE CPPs** das Paróquias teve o objetivo de explicar aos leigos líderes e coordenadores sobre o “formato pastoral” da Diocese de Jaboticabal, os trabalhos das Comissões de Pastoral e a importância de manter a fidelidade ao Plano de Pastoral para facilitar o trabalho de todos, promovendo uma evangelização mais organizada e em estreita comunhão com toda a Igreja. Este encontro aconteceu no dia **21 de abril de 2024** e contou com a presença dos coordenadores de 42 das 45 Paróquias da Diocese. Este Encontro com os Coordenadores de CPPs, iniciou-se com a Santa Missa, entendendo-se que a ação litúrgica é “fonte e ápice” da ação eclesial. Como discípulos de Cristo, os fiéis, após a participação da Missa, assumem sua missão de cristãos no mundo. No encontro, os participantes foram orientados a avaliar o Plano de Pastoral Diocesano atual. Para isto, foram feitas duas perguntas:

1) O que poderia motivá-los a ser “um semeador incansável” e qual texto bíblico os iluminaria?

2) Olhando para o Plano de Pastoral, o que, de imediato, pode-se partilhar/avaliar? (a estrutura, a prática e a capacidade de iluminar as Paróquias).

Como **resposta à primeira pergunta**, os participantes recordaram alguns momentos de Jesus com seus discípulos, citando o chamado que Jesus fez aos discípulos nos Evangelhos sinóticos e a percepção da força que nos vem de Jesus, bem como o discernimento da nossa Missão vinculada à de Cristo, o que nos dá coragem de viver o testemunho na alegria do Evangelho. Citaram, também, a Oração, a Formação, a “Parábola do Semeador” (Mc 4,1-20) e as mensagens de Jesus: “Eu estou convosco!” (Mt 28,20), “Eu sou a luz do mundo!” (Jo 8,12), “Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo” (Mt 6,33), “Tenho-vos dito isto, para que em mim tenhais paz. No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo” (Jo 16,33), “A ninguém fiquéis devendo coisa alguma, a não ser o amor recíproco; porque aquele que ama o seu próximo cumpriu toda a Lei.” (Rm 13,8), “Alegrai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, perseverai na oração.” (Rm 12,12); “Jesus e a Mulher Samaritana” (Jo 4), “Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei.” (Mt 11,28), “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura.” (Mc 16,15)...

Como **resposta à segunda pergunta**, destacou-se sobre o Plano de Pastoral atual: está claro; tem boa linguagem, com boa estrutura, há coerência; de fácil entendimento; foi lido e utilizado pelos atuais líderes do CPPs; não há sugestões de supressão ou acréscimo; há dificuldade em aplicar o atual Plano em sua totalidade; há Paróquias ainda se organizando timidamente, quanto ao Projeto prioritário “Setorizar para Evangelizar”; há Paróquias com o Projeto “parado”, não havendo retorno pós pandemia; há dificuldade em aplicar o atual Plano porque alguns líderes não conseguem ser “iluminados” pela Diocesaneidade; há dificuldade em conduzir as necessidades e os assuntos pastorais com o Pároco; os assuntos vindos da Diocese não são repassados aos CPPs pelos Párocos; o Plano atual é objetivo, porém não alcançado de forma total devido às particularidades de cada Paróquia.

b. No **ENCONTRO COM AS(OS) SECRETÁRIAS(OS) PAROQUIAIS**, em **26 de abril de 2024**, objetivou-se reforçar a necessidade da atenção às orientações vindas da Diocese. Além do trabalho em grupo, o encontro ajudou a compreender e superar os conflitos nos ambientes pastorais. Os textos para reflexão foram extraídos da *Lumen Gentium* (Luz dos Povos) do Concílio Vaticano II:

- 1) A dignidade dos leigos enquanto membros do povo de Deus;**
- 2) O testemunho de vida pelo apostolado dos leigos.**

Os grupos, refletindo os textos, destacaram que foi possível lembrar que todos são irmãos, imagens de Jesus e devem anunciar a Boa Nova, formar a unidade; são membros de um único corpo (Jesus Cristo), precisam revestir-se do amor de Cristo e acolher o outro, independente da situação, religião, das escolhas e condições.

Disseram ainda que o texto proporcionou um questionamento: “Como devem representar a fé católica se não viverem em Comunidade?” Depois, num segundo momento, eles refletiram o que os textos teriam a ver com a função nas Paróquias da Diocese.

Lembraram que são a porta de entrada da Casa de Deus, precisam ser exemplo, que o texto mostra que devem se esforçar para entender cada situação que chega à secretaria, devem respeitar as diferenças, ser dóceis, que são o meio de comunicação mais rápido entre o leigo e o padre e são, também, o “rosto” da Paróquia. Além de mencionarem que Deus se faz presente todos os dias no ambiente de trabalho, que devem dar testemunho, porque um bom exemplo atrai e que Nossa Senhora é a intercessora e o modelo. Concluíram com uma frase: “Ou sabemos encontrar a Deus na nossa vida de todos os dias ou não o encontramos nunca” (São José Maria Escrivá)

c. No **ENCONTRO COM OS PRESBÍTEROS**, em **14 de maio de 2024**, os Padres puderam se reunir em 5 grupos de 11 padres. Foram-lhes solicitadas as contribuições para o atual Plano de Pastoral Diocesano e o que sonhavam para um futuro plano. Foi observado que nem

todos estiveram atentos a todas as perguntas. Houve considerações sobre o Plano que mereciam um esclarecimento maior. Segue o que se destacou:

Um **primeiro grupo** disse que, ao se elaborar um Plano; deve-se manter a linguagem da unidade, expressão da comunhão, sabendo-se que a aplicação do Plano exigirá uma adaptação local. No modelo de Plano por triênio com suas prioridades, foi fácil a percepção do enfoque, porém, cabe reforçar que o enfoque não é em detrimento de toda a realidade paroquial. Logo, a síntese do “Objetivo” poderia apresentar melhor abordagem do termo “Evangelificação”, que não está conectado apenas ao agir missionário, mas a toda vida pastoral.

Ainda sobre o termo “Evangelificação”, não somente atrair, buscar, acolher novos membros, mas cuidar e formar os que estão atuando na paróquia.

Num **segundo grupo**, um dos padres destacou que em seu trabalho com as Famílias não houve muitas dificuldades, porque sempre existiram movimentos dispostos a ajudarem essa realidade. Porém, com a Juventude e a Vocação não se conseguiu trabalhar. Faltou habilidade para o trabalho com os jovens, destacando-se a importância de formar padres para trabalhar com a juventude, que utilizassem a mídia social como um dos meios de comunicação. Outro padre, que esteve bem próximo dos trabalhos da última Assembleia de Pastoral, mencionou sua luta para superar o excesso de atividades dentro do Plano Pastoral, as quais haviam ficado apenas no papel, não realizadas na prática. O grupo reforçou que é preciso criar um Plano de Pastoral enxuto, humano e que, de fato, aconteça na paróquia, sem agenda sobrecarregada. Um Plano de Pastoral que pense mais em coisas nossas, coisas simples, alcançáveis e não com indicações que não se consegue realizar, acrescentando que a única parte cumprida do atual Plano foi o projeto “Setorizar para Evangelificar”. Salientou-se, ainda, que o Plano deve proporcionar mais contato humano, pois com tantas coisas ali escritas, faltava tempo para executar as tarefas mais simples, como, por exemplo, rezar com o povo.

Já um **terceiro grupo** partilhou que não havia aspecto positivo a ressaltar do atual Plano e que, na verdade, não havia nenhum Plano atual, pois o que se chama de atual, na verdade, já está ultrapassado (2020-2023). Neste há muitas ideias, muitas colocações que desfavorecem a praticidade e a objetividade. Com a motivação do Vigário Forâneo, as considerações sobre o futuro plano foram estas: após as novas DGAEs, o novo Plano deve dar importância à Família, base da Paróquia, destacando-se a Catequese Familiar. Mencionou-se que o Plano de Pastoral atual contém “sugestões” que depois se tornam “cobranças”, “obrigações”. Propõe-se um caminho de oração e discernimento, acompanhado de formação na Diocese. Porém sem correria, para se chegar a um novo Plano enxuto, como já mencionado.

Um quarto grupo lembrou que o Plano chegou à época da pandemia, um tempo difícil, no qual foi preciso criatividade e muito esforço para implementá-lo. O Plano foi um dos mais acolhidos, fazendo-se necessária uma nova redação para o simplificar, mas a estrutura e a funcionalidade estão ótimas.

E por fim, **um quinto grupo** mencionou que nem tudo o que está no Plano é possível de se cumprir, ressaltando que o Plano precisa ser mais realista, observando a realidade e as particularidades das Paróquias. Sugeriu-se, também, que ao se elaborar o novo Plano, lembressem do povo, das comunidades mais simples, das novas comunidades e dos padres recém-ordenados. Deve haver diretrizes em um âmbito “geral”, mas particularidades que caberá ao Pároco discernir e utilizar na prática do pastoreio.

SONHOS: “PREPARAÇÃO PARA A 9ª ASSEMBLEIA”

O que todos precisamos saber?

“Que todos sejam um” (Jo 17,21)

A história das Assembleias de Pastoral da Diocese de Jaboticabal, como se pode ver, foi marcada por momentos intensos, nos quais nossos antecessores discerniram e decidiram, à luz do Espírito Santo, os caminhos que a Diocese deveria trilhar nos anos seguintes.

Nesta história ligam-se hoje as “linhas mestras” que devem conduzir o nosso caminhar aqui e agora, atualizadas conforme a realidade e as orientações da Igreja, amplamente estudadas, debatidas, decididas, formuladas e promulgadas pelo Concílio Vaticano II, que nos conferem uma teologia eclesial precisa para sua aplicação nos tempos atuais.

Linhas que carecem de ser sempre retomadas e atualizadas, considerando que o tempo e a cultura continuamente mudam. Há sempre a necessidade da revisão e formulação de novos Planos Pastorais e esta será a tarefa da nossa 9ª Assembleia de Pastoral.

Para nos ajudar nessa missão, oferecemos a seguir algumas reflexões elaboradas por diversos agentes de pastoral (bispos, presbíteros, leigos, seminarista). Elas querem nos ajudar a recordar algumas destas “linhas mestras” eclesiológicas e compreendê-las no contexto mais abrangente da Diocese, com os desafios e as influências que pesam sobre a nossa vocação de seguidores de Jesus Cristo e a nossa missão de evangelizar.

A palavra Sinodalidade, expressão inspirada na língua grega, evoca a ideia do caminhar juntos, uma expressão cara ao Papa Francisco que sonha com uma Igreja mais participativa, na qual todo o Povo de Deus, numa atmosfera de comunhão possa se envolver nos processos de Evangelização.

Esta forma de proceder é um exercício de autoridade que, respeitadora da própria dignidade de todos os batizados (profetas, sacerdotes e reis) e com a devida responsabilidade dos ministros ordenados, é também divinamente fundada pelo seu cuidado único pela infalibilidade de todo o povo de Deus.

E a intenção do Papa Francisco com este apelo é que toda a Igreja participe na procura de métodos para a sinodalidade, isto é, garantir que, de forma real e eficaz, todos caminhem juntos em comunhão e fraternidade.

A sinodalidade pode tornar-se uma grande ferramenta de participação social, uma concretização do Concílio Vaticano II ou a mera repetição de velhas formas, que apenas procuram fortalecer a mesma institucionalidade de sempre.

É urgentemente necessária uma conversão profunda do atual modelo clerical, na qual só o clero pode falar e ser ouvido. A sinodalidade aponta um caminho de participação de todo o Povo de Deus para alcançar mudanças. Ao falar de Sinodalidade, não se pode confundir com Democracia.

A democracia é um sistema político de organização social, no qual, o povo, ao expressar-se por meio do voto, prevalece a vontade da maioria.

Na Sinodalidade, não se trata de um prevalecer da vontade da maioria, mas de uma profunda escuta, na qual se fala e se escuta por amor. Esta escuta leva em conta os fundamentos da fé presentes na Sagrada Escritura, na Tradição dos primeiros séculos do cristianismo e no Magistério.

A Sinodalidade ajuda a Igreja a atualizar a mensagem do Evangelho para o nosso tempo, com a linguagem do nosso tempo, tornando Cristo contemporâneo.

Para que a Sinodalidade não se torne Democracia, não se pode perder de vista que Cristo é o Bom Pastor e nós todos somos o rebanho que escuta a voz do Pastor; esta escuta passa pelo critério do discernimento, que é um dom do Espírito Santo, “escutar o que o Espírito diz à Igreja” (Ap 2,7).

Portanto, os organismos sinodais, como os Conselhos e as Assembleias de Pastoral, não substituem a autoridade que é própria dos bispos no governo da Igreja, mas são instâncias que os ajudam na tomada das decisões. Por isso, que o exercício da sinodalidade não é transformar a Igreja em uma Babel, mas, pelo contrário, ele busca realizar na comunidade eclesial a sua vocação de ser um Cenáculo, no qual todos, iluminados pelo Espírito Santo, falam e sob a autoridade e liderança dos apóstolos, se entendem.

Pe. Luís Fernando da Silva
(Secretário Executivo Regional Sul1 CNBB)

“COMO ESTAMOS ENXERGANDO AS ORIENTAÇÕES DA IGREJA, SUAS DETERMINAÇÕES, A COMUNHÃO E O CUMPRIMENTO DO ‘TRÍPLICE MÚNUS’: ENSINAR, GOVERNAR E SANTIFICAR NA AÇÃO PASTORAL?”

Quando pensamos e organizamos a Igreja em sua “ação evangelizadora”, que também podemos chamar de “missão apostólica ou missão pastoral”, natural e obrigatoriamente somos impelidos a contemplar a Pessoa de Jesus Cristo, o Bom Pastor, identificando nele o seu “tríplice múnus” (serviço) na condição de Profeta-Mestre, Sacerdote e Rei- Pastor.

Compreendendo que a missão de Jesus Cristo continua e se perpetua na história através da missão eclesial, e tendo por certo que a Igreja é o Povo de Deus, verdadeiro Corpo Místico do Senhor (Corpo Eclesial), necessariamente devemos considerar que a partir da graça batismal, o fiel cristão está ontologicamente configurado a Jesus. Por esta mística dádiva se estabelece uma profunda comunhão entre a Cabeça, que é o Cristo, com os demais membros de seu Corpo (todos os batizados), que participam do tríplice múnus enquanto consagrados para serem profetas, sacerdotes e reis, a fim de proclamar ao mundo as maravilhas da obra da salvação.

Os Bispos do Brasil, reunidos em sua 46ª Assembleia Geral da CNBB, ao formular as Diretrizes da Ação Evangelizadora do Brasil, deixaram claro que “A Igreja, por fidelidade a Cristo e à missão dele recebida, tem a estrita responsabilidade de oferecer, em cada época, o acesso à Palavra de Deus, à celebração da Eucaristia e aos demais sacramentos, e de cuidar da caridade fraterna e do serviço dos pobres. Uma antiga tradição (...) descreve essa responsabilidade segundo o tríplice múnus: Ministério da Palavra, Ministério da Liturgia e Ministério da Caridade” (Cf. DGAE da CNBB 2008-2010, nº 60). Quanto ao serviço da Palavra, consideremos o imperativo da proclamação da Palavra de Deus pela Igreja, como decisivo para a fé cristã.

O querigma, ou seja, o primeiro anúncio missionário do Evangelho, antes que seja formulado em palavras, deve ser apresentado como testemunho atrativo aos não crentes, de forma que ao vislumbrar o estilo de vida dos cristãos sintam-se verdadeiramente exortados pela Boa Notícia e desejem de todo coração encontrar-se e conhecer inconfundivelmente o próprio Jesus Cristo naquela comunidade, afinal, como afirmou Bento XVI, “Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas através do encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva” (Deus Caritas Est, 1).

De muitos modos se pode fazer a pregação explícita de Jesus Cristo. No entanto, embora ela encontre seu lugar privilegiado na liturgia, convém recordar que “antes que os homens possam chegar-se à liturgia, faz-se mister que sejam chamados à fé e à conversão” (SC 9), o que não se fará eficazmente senão por meio de uma adequada iniciação à vida cristã, cujo “itinerário” nos leva à necessidade de uma pastoral bíblico catequética empenhada, genuinamente catecumenal ou de inspiração catecumenal. No confronto com a realidade humana e cultural, o serviço da Palavra sempre será um apelo profético de conversão, exatamente igual àquele feito por Jesus Cristo quando iniciou publicamente sua missão, proclamando: “(...) O Reino de Deus está próximo; converteí-vos e crede no Evangelho!” (Mt 3,1).

Quanto ao serviço da Liturgia, sem dúvida alguma ocupa lugar central na ação evangelizadora da Igreja, pois é “o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de onde emana toda a sua força” (SC 10).

Por excelência, a Liturgia é a ação sagrada pela qual, hoje, o Mistério Pascal de Cristo, único e irrepetível, é levado a efeito na vida dos fiéis, de modo que por meio dos seus sinais sensíveis e palavras sacramentais não só é significada, mas segundo a especificidade de cada sacramento, realizada a obra da salvação, pois nela se exerce em plenitude o serviço sacerdotal de Jesus Cristo e se torna célebre o culto público e íntegro da

Igreja, pelos quais a humanidade é santificada e Deus é perfeitamente glorificado (SC 7; 14).

Por isso mesmo, não se pode ignorar que o serviço da Liturgia sempre comporta e exige um adequado compromisso com a transformação da realidade humana, a fim de que seja manifestado ao mundo o Reino de Deus, que se revela como viva expressão “da verdade e da vida, da santidade e da graça, de justiça, amor e paz” (Cf.: Medellín 9.4; Puebla 917, MR, Prefácio de Cristo Rei).

Neste serviço litúrgico precisamos considerar e melhor desenvolver alguns elementos importantes para a prática pastoral: o modo de participação litúrgica e ministerial dos fiéis, que impreterivelmente está implicado com o “modelo de Igreja” que se estabelece ou não a partir do seu fundamento, que é Cristo, e da reflexão do magistério atualizado pelo Vaticano II, em perspectiva Sinodal e Missionária; a importância de celebrações preparadas, vividas e avaliadas em perspectiva mistagógica, como experiência de encontro com o Ressuscitado na assembleia dos fiéis; a experiência espiritual da graça sacramental (sete sacramentos e os sacramentais), como sinal eficaz de comunhão com Deus e com os irmãos nas diferentes circunstâncias da vida; a importância do domingo como principal festa do ano litúrgico e do próprio ano litúrgico como um itinerário cíclico que sendo memorial dos sagrados mistérios, também vai marcando, progressivamente, o caminho da salvação até que o dia sem ocaso chegue sua plenitude; a valorização da religiosidade e da piedade popular que deriva e, ao mesmo tempo, remete aos mistérios celebrados para o incremento e a enculturação da fé; a oração litúrgica, especialmente a liturgia das horas (ofício divino), como genuína fonte da espiritualidade cristã; sem esquecer a importância da música litúrgica e do espaço sagrado como instrumentos que favorecem a experiência do mistério encarnado na vida e na história atual.

Por fim, quanto ao serviço da caridade, recordemos o que afirmou o Papa Bento XVI: “Se as fontes da Igreja são a Palavra e o Sacramento, o centro da vida cristã é a caridade, o amor doação, o amor que vem de Deus mesmo”. (Deus Caritas Est, 1)

No amor e pelo amor seremos verdadeiramente reconhecidos como discípulos de Jesus Cristo, vocacionados a repetir não apenas o rito do lava-pés, mas, sobretudo, a exprimir com a nossa vida a sua disposição para o amor e o serviço generoso a fim de que os que lhe foram confiados tenham parte consigo, sem aceção de ninguém. Revestidos, devemos sempre estar, dos mesmos sentimentos do Mestre, que ao assumir a nossa humanidade não se apegou à sua divindade, despojando-se de toda a sua riqueza celestial e fazendo-se pobre para nos enriquecer e fazer-nos participantes de sua herança.

Esta sublime atitude de humildade deve fazer parte de nossa mística cristã, peculiarmente significada no avental da humildade que Jesus cingiu em sua cintura (“escapulário”), com a qual devemos demonstrar a todos nossa configuração à caridade solidária de Cristo para com todos e cada um dos mais pobres e excluídos da dignidade humana. Para quem é cristão existe um imperativo “sine qua non” (sem o qual) não poderá ser confirmado em sua autêntica identidade de discípulo de Jesus Cristo: a condição que viva para amar e servir, e que sirva com alegria, simplesmente por amor, sem nenhum outro interesse, como bem lembrou o apóstolo Paulo: “se eu não tiver caridade, eu nada sou” (Cf. 1Cor 13).

Neste tempo em que vivemos, é imprescindível identificar, reconhecer e combater, até que sejam verdadeiramente superadas todas as situações de pobreza, miséria e negação da vida que tanto ferem a dignidade humana e privam muitíssimas pessoas dos bens comuns, direito de todos quantos se encontram relegados à exclusão e marginalidade opressora numa sociedade líquida, caracterizada pela cultura da indiferença, egocêntrica e hedonista, cultura do descarte, da violência e da morte. Do mesmo modo, é urgente reconhecer que a superação de todas as misérias exige o cuidado integral com toda a criação de Deus, pois o homem vive numa casa comum, que não pode ser descuidada e está cada vez mais ameaçada de extinção. Vale recordar a forma como se expressam os povos originários: “Não somos parte do meio ambiente; nós somos o meio ambiente”. Este deve ser cultivado e preservado!

Para que o serviço da caridade não seja superficialmente entendido como mero paliativo assistencialista, frente às necessidades urgentes e aos sofrimentos que exigem socorro imediato, faz-se necessário formar a consciência dos cristãos de que a transformação da realidade humana, em vistas da edificação do Reino de Deus, perpassa o compromisso político de luta em defesa da vida, por justiça e paz. É preciso “globalizar” a solidariedade fraterna, superando o mero assistencialismo e efetivando sempre mais o compromisso da opção preferencial pelos pobres e por uma Igreja pobre, considerando que o pobre não é somente destinatário de ações filantrópicas, mas verdadeiramente sujeito que deve envolver-se no processo da transformação integral da realidade, segundo os valores do Evangelho e da ética cristã.

Quando falamos em serviço da caridade, precisamos entender que “a vivência da escuta da Palavra, comunhão fraterna e compromisso com a justiça – alimenta e expressa a espiritualidade batismal, que configura o cristão com Cristo, que por amor entrega sua vida para que todos tenham vida” (DGAE da CNBB 2008-2010, 87).

Enfim, a Missão da Igreja está iluminada pelo “tríplice serviço” que Nosso Senhor Jesus Cristo exerceu em favor da vida plena para todos. Portanto, a Missão da Igreja é a Missão mesma de Jesus Cristo. Ele próprio quis que o seu Múnus fosse agora exercido pela Igreja, a quem confiou a virtude do alto, pelo Espírito que lhe concedeu, fazendo jorrar de seu peito aberto o inesgotável manancial da salvação, quando, inclinando a cabeça no alto da Cruz, entregou ao mundo e pelo mundo o seu Espírito.

Pe. José Adalberto Salvini

**“AS INFLUÊNCIAS QUE PESAM
NA VIDA PASTORAL DA IGREJA”**

Na década de noventa, ocupei diversas vezes a função de coordenador diocesano de pastoral na Diocese de Jaboatão.

Daquele período estão bem gravadas em minha memória a preparação e a realização das Assembleias Diocesanas de Pastoral, a preparação e a celebração do Jubileu do ano 2000, as missões populares e tantas outras iniciativas que, hoje, vejo que se ainda acontecem nas dioceses, assumiram formas diferentes daquele período.

Diversos fatores acabaram por influenciar na compreensão da ação pastoral, entre eles, o fenômeno da pós-modernidade, a ascensão das redes sociais e a pandemia, que nos obrigam a considerar o que a Conferência de Aparecida sublinhou e o pontificado de Francisco nos alerta, ou seja, a mudança de época que determina uma mudança radical nas relações humanas.

Quando consideramos as transformações deste período, damos conta dos muitos avanços que se realizaram num curto espaço de tempo, haja vista a facilidade com que hoje nos comunicamos, a possibilidade de acompanhar fatos que ocorrem em diversas partes do planeta em tempo real.

Isto, sem mencionar a chance de cura no tratamento de enfermidades que até há pouco tempo pareciam ser insuperáveis, a produção de grãos, graças à tecnologia no campo da genética, como também no cultivo das lavouras.

Entretanto, não podemos ignorar que com o fenômeno da pós-modernidade, a esfera do privado, hoje, tem primazia; com as redes sociais o virtual prevalece sobre o real e a pandemia nos convenceu de que o isolamento pode ser a melhor atitude diante da vida. Tudo isso tem um forte impacto sobre a vivência da fé e da ação pastoral. Em nossos dias, por exemplo, o princípio da territorialidade fica comprometido com o avanço das redes sociais.

A facilidade na transmissão de vídeos religiosos com os mais diversos conteúdos e qualidade têm muito maior penetração nos nossos lares do que há um tempo tinham o rádio e a televisão.

Hoje, não há mais necessidade de uma página católica para poder transmitir conteúdos específicos da catolicidade, assim, os sites, blogs, canais, podcasts com conteúdo católico sem nenhuma identificação confessional são surpreendentes.

O impacto sobre a ação pastoral desta realidade é espantoso. Seja na parte do clero como dos fiéis católicos, há uma impressão de que o real só será compreensível à medida que for uma cópia do virtual. Seria ingenuidade da nossa parte interpretar esta realidade como uma ameaça. Não podemos continuar a depreciar tudo o que se veicula pelas redes sociais. Elas revelam, atualmente, não só uma euforia passageira, mas uma necessidade peculiar.

Surpreende-me a busca das pessoas nas redes sociais não só por experiências de Deus exóticas, mas por conteúdos sólidos da fé, por orientação espiritual, por testemunhos coerentes do Evangelho que, consequentemente, geram fortes laços comunitários.

Não deveríamos na nossa ação pastoral dar uma atenção especial a esta expectativa? Ao invés de continuarmos a repetir chavões gastos com o tempo, não deveríamos ter uma sensibilidade maior por oferecer aos nossos fiéis experiências de Deus mais sólidas, acompanhamento espiritual individualizado, ações solidárias organizadas e iluminadas pelo Evangelho, formação sistemática da fé, e acima de tudo, um testemunho coerente e alegre do Evangelho capaz de gerar laços comunitários?

Estamos diante do descortinar de um novo tempo, que exige de nós novas atitudes. É normal que ele nos assuste, porém, mais do que uma ameaça, ele nos oferece possibilidades: a possibilidade de expressar de maneira nova a nossa fé, com novos métodos e novo ardor, como preconizava São João Paulo II quando se referia à nova evangelização. Peço ao Espírito Santo que ele nos dê a coragem de arriscar!

Dom Milton Kenan Júnior

**“A MUDANÇA PASTORAL
OCORRIDA NAS ÚLTIMAS DÉCADAS”**

Desde que recebemos o Concílio Vaticano II como o “arejar da Igreja pelos ventos do Espírito”, há uma frase que ressoa: vivemos uma mudança de época e uma época de mudanças. Tais mudanças, sem sombra de dúvida, impactam o modo como a Igreja se entende na Missão deixada por Cristo de ser “como que o Sacramento ou o sinal e instrumento da íntima união com Deus e unidade de todo o gênero humano” (LG n. 1).

O Concílio Vaticano II, na década de 60, nos recordava que “a própria história se acelera tão rapidamente que os homens conseguem segui-la com dificuldade” (GS n. 5). O Concílio mesmo identificava que as estruturas tradicionais (famílias patriarcais, clãs, tribos, aldeias) já passavam por profundas transformações, ao passo que o mundo se tornava cada vez mais industrializado, com meios de comunicação avançados, mudanças psicológicas morais e religiosas que questionavam os valores da Igreja, conduzindo ao risco da perda do horizonte do Evangelho que se encarna no seio da humanidade.

Nesta perspectiva, a Igreja deseja seguir o exemplo de Jesus no Evangelho lucano: caminhar ao lado dos homens, ouvir suas angústias, tristezas, alegrias e esperanças (cf. Lc 24, 13-35; GS n. 1). Assim se redescobriu a Pastoral da Igreja como o caminho de fazer-se próximo dos homens, partilhando-lhes a vida e a história.

É justamente este o apelo que o Papa Francisco tem feito à Igreja desde o início de seu ministério. Na *Evangelii Gaudium* podemos ler :

Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas

estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: «Dai-lhes vós mesmos de comer» (Mc 6, 37) (n. 49).

Por muitas vezes o medo do novo faz-nos cair no pecado da estaticidade. O medo de avançar por novos caminhos pastorais pode levar-nos a um encarceramento em estruturas que, muitas vezes, não correspondem aos tempos em que vivemos. O Pe. Agenor Brighenti, Presidente do Instituto de Pastoral da CNBB, alerta que existem modelos de pastoral que são incongruentes com os tempos atuais, dos quais elencamos três:

O primeiro acontece quando desconhecemos as mudanças dos tempos, levando à pastoral de conservação. Este modelo, já alertado por Medellín e Aparecida, é o que busca implantar o regime de cristandade, no qual o centro de tudo é o padre e a matriz paroquial, com uma ação pastoral geralmente centrada no devocional e sacramental.

O segundo se deve ao medo das mudanças, é a pastoral apologista. Neste modelo há a defesa incontestável da fé católica, da instituição e dos ritualismos, impedindo o espaço para o diálogo e o encontro. É um movimento “centrípeto”, que busca engolir tudo e todos.

O terceiro modelo é a pastoral secularista, quando ele se permite engolir pelo secularismo: “tudo é bom”, “tudo é válido” e, assim, a Igreja e a sua Fé se confundem com o mundo secular, e não há mais a distinção entre o sagrado e o profano. Frequentemente há a “laicização” do sacerdote e a “clericalização” dos leigos.

Termino com um singelo lembrete do Vaticano II: “A Igreja, enquanto ela mesma ajuda o mundo e dele recebe muitas coisas, tende a um só fim: que venha o Reino de Deus e seja instaurada a salvação de toda a humanidade” (GS 45).

Pe. Caio Antonio Veiga dos Santos

**“O PAPA FRANCISCO QUESTIONOU OS BISPOS:
‘PROCURAMOS QUE NOSSO TRABALHO E O DE NOSSOS
PRESBÍTEROS SEJAM MAIS PASTORAIS QUE
ADMINISTRATIVOS?’”** [cf. Doc. 100 da CNBB, 197]

Conforme o Cânon 519 do Código de Direito Canônico, o pároco é o pastor próprio da comunidade que lhe foi confiada, sob a autoridade do Bispo Diocesano com a missão de santificar, governar e ensinar, contando também, com a ajuda de outros presbíteros. O tríptico *múnus* nos coloca no cerne da missão e da vida do presbítero, que participando do *múnus* de Cristo, se torna um pastor de almas.

Diante dos desafios contemporâneos, percebe-se um esvaziamento sintomático do sentido de ser pastor, no qual o presbítero se dedica mais a questões administrativas do que pastorais. Esse fato é uma constatação, devido às exigências da própria Igreja, com burocracias necessárias, porém, excessivas. Por outro lado, nota-se um distanciamento da própria missão do presbítero, que é santificar e ensinar, muitas vezes por ocupar-se demasiadamente com as questões administrativas.

O Papa Francisco abre a reflexão para que pensemos nas questões pastorais, evidentemente sem nos esquecermos da administração paroquial.

Nesse sentido, pensando em conversão pastoral, talvez tenhamos o desafio de redescobrir, na Igreja, os papéis de todos os batizados, para compreender qual é a função própria do presbítero e como podemos inserir os próprios leigos e diáconos permanentes na tarefa de cuidar da Igreja.

“Para que os fiéis leigos possam assumir sua corresponsabilidade no trabalho pastoral e testemunhar a fé cristã, é urgente desencadear um processo de formação integral... É preciso vencer o clericalismo em relação à atuação dos leigos nas Comunidades.” (Documento 100, nº 212)

Portanto, cabe a todos redescobrir e fortalecer o que é próprio do presbítero e encontrar um equilíbrio para um bom desempenho de todas as funções que lhe são próprias.

Pe. João Nicácio Pereira

**“AS ESTRUTURAS DAS PARÓQUIAS E OS DESAFIOS
PARA SE VIVER A PAROQUIALIDADE EM
COMUNHÃO PROFUNDA E ÍNTIMA COM A DIOCESE”**

A Conferência de Aparecida nos ajudou a entender que a paróquia é mais bem vivida quando sentida como “comunidade de comunidades”, mesmo se a compreendemos como uma comunidade na grande comunidade que é a Diocese. A paróquia deseja ser como uma rede de pequenas comunidades, um “lugar privilegiado no qual a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e da comunhão eclesial.” (Dap. 170)

Na paróquia, experimentam-se elementos como: oração comunitária, solidariedade nos momentos difíceis, oportunidades de formação na fé e na doutrina, além da possibilidade de entrosamento, do espírito de serviço e de entrega a diferentes causas em nome de Jesus (família, crianças, doentes, etc.). Na paróquia o batizado percebe que a sua fé, na verdade, é a fé da Igreja, que transmite o ensinamento de Nosso Senhor aos apóstolos e distribui a graça dos sacramentos que acompanha o nosso caminhar terreno. Tudo marcado pela comunhão e participação que caracterizam a dimensão comunitária distintiva da vida paroquial.

Mas a Paróquia também pode ser experimentada negativamente quando esse espírito de comunhão e participação fica enfraquecido pelos contravalores do paroquialismo (fechamento em si mesma e na sua própria riqueza humana e material), acomodação (zonas de conforto que impedem a missionariedade), competição (com outras paróquias e realidades eclesiais), clericalismo (centralidade do padre e de alguns líderes que se apropriam da comunidade) e da burocratização (mais dificuldade na aproximação aos sacramentos e na vivência da fé).

Nesse emaranhado está a relação da paróquia com a diocese, que pode ser mais benéfica e autêntica quando ambas as realidades começarem a se perceber como um organismo vivo, no qual a parte se abre ao todo e cada comunidade paroquial se entende como porção de um con-

junto amplo de comunidades que compartilham a mesma fé, os mesmos valores, os mesmos desafios e as mesmas preocupações pastorais e financeiras sob a guia do Pastor Diocesano.

É certo que tensões sempre existirão e, nesses casos, o diálogo e o espírito eclesial continuam sendo o melhor caminho, agora reforçados pelos elementos constitutivos da sinodalidade.

Na complexa e transformada realidade sociocultural e religiosa em que vivemos, não é possível seguir o velho esquema de paróquias isoladas e autônomas que insistem em desconectar-se dos anseios e das propostas pastorais da Diocese.

Nem é possível ler a relação entre ambas, segundo a lógica mundana de “matriz e filial”, o que redundaria na potencialização dos contravalores paroquiais em nível diocesano.

Num mundo de pessoas interconectadas, o fechamento e a ausência de compreensão mútua produzem efeitos nocivos à saúde espiritual da Igreja, seja ela vivida como Diocese que como Paróquia.

A próxima Assembleia Diocesana de Pastoral colocará à prova a nossa capacidade de ser Igreja de Jesus Cristo em comunhão. Ela chega em boa hora.

Que a Virgem Maria, mãe da Igreja, interceda por nós e nos ajude a viver as consequências radicais do Evangelho que causa unidade e impulsiona a missão.

Pe. Marcelo Adriano Cervi

“TODOS OS SUJEITOS DA CONVERSÃO PASTORAL HÃO DE SE COMPROMETER E SER PRESENÇA EVANGELIZADORA, PRÓXIMOS DE TODOS, ESPECIALMENTE JUNTO AOS QUE SE ENCONTRAM NAS PERIFERIAS” [Cf. DOC. 100 da CNBB, 194]

Se quisermos, verdadeiramente, uma Igreja de discípulos-missionários, como nos pediu já a Conferência de Aparecida, no ano de 2007, é preciso que nos façamos esta pergunta: o que é conversão pastoral? Trata-se de um termo grego “metanoiein” (μετανοεῖν), que indica uma mudança de pensamento ou de mentalidade. Não tem como mudarmos as nossas atitudes se, antes, não mudarmos a nossa forma de pensar.

É, pois, pela mudança no jeito de pensar o trabalho pastoral que atingiremos esta conversão necessária em nossa Diocese de Jaboticabal. Mentalidades do tipo “sempre foi assim”, “o povo não gosta disso”, “vou fazer do meu jeito na minha Paróquia” já não cabem mais. Estas frases possuem um efeito cancerígeno para a evangelização em nossas comunidades.

Ora, não é de hoje que a Igreja necessita de uma efetiva mudança de mentalidade para que passemos de um trabalho pastoral de conservação para uma evangelização profundamente missionária (DocAp, 370; EG, 25), ao que o Papa Francisco chama de “Igreja em saída”.

Desse modo, estamos falando de uma mudança de método e não de finalidade. Em outras palavras, a Igreja não vive mais o tempo da Idade Média, ou seja, mais do que imperativos, a sociedade exige de nós coerência de vida, hospitalidade, acolhida e solidariedade. É preciso ir ao encontro dos irmãos e irmãs nas periferias, sejam elas geográficas ou existenciais.

As periferias geográficas são claras, trata-se dos ambientes de nossas cidades onde se concentram a maior parte da população pobre ou miserável; esta é uma grande preocupação de nossa Comissão Diocesana para a Transformação Social.

A estes, devemos também nos fazer presentes, não para um mero assistencialismo, mas para o resgate integral da dignidade da pessoa humana.

Contudo, são nas periferias existenciais que vivem os maiores dramas humanos. Periferia existencial é toda pessoa que, por um motivo ou outro, tem a sua dignidade ferida, mesmo que não resida fisicamente em uma periferia geográfica.

Ora, diante de tantos flagelos presentes na sociedade, sobretudo pelos efeitos sociais, psicológicos e espirituais causados pela pandemia da Covid-19, é necessário, mais que nunca, que os cristãos estejam dispostos a contemplar a face de Deus no sofrimento alheio: “se a dor do outro não doer em mim, eu desconheço o amor”, e Deus é amor (1Jo 4, 8). Para isso, urge que vençamos nossos preconceitos, nosso comodismo e, sobretudo, nossa “velha mania de mesmice” nas atividades pastorais. É preciso de doses saudáveis de ousadia!

É necessário saber que não somos o centro de tudo, mas Jesus Cristo é. E ele, sendo o centro, nos convoca e nos envia para ir ao encontro dos irmãos e irmãs. Nesse sentido, o individualismo fere o princípio da comunhão, da comunidade e da conversão pastoral.

Projetos como o “Setorizar para Evangelizar”, em nossa Diocese, possuem este intuito. Trabalhar em harmonia com toda a Diocese significa viver coerentemente a missão que assumimos no Batismo, em que fomos incorporados ao corpo místico de Cristo, que é a Igreja.

Juntos, somos mais, e nesta certeza sinodal, queremos renovar as esperanças para que tomemos consciência de que todos nós somos agentes desta conversão pastoral, tão urgente em nossa realidade diocesana. Não adianta terceirizarmos a culpa.

Sejamos, portanto, verdadeiros AGENTES!

Seminarista Luis Gustavo Joaquim

“A CONVERSÃO PASTORAL DA PARÓQUIA SUPÕE ANIMAR E AJUDAR OS PRESBÍTEROS QUE ENFRENTAM, DIARIAMENTE, O DESAFIO E AS DIFICULDADES DA PASTORAL” [cf. Doc. 100 da CNBB, 198]

Pensando no tema acima, a respeito da Conversão Pastoral como meio de animação e ajuda aos presbíteros, percebo, ao longo dos 20 anos do meu ministério, que uma boa indicação para a superação e enfrentamento dos desafios e dificuldades pastorais seja viver a comunhão.

Analisemos as citações:

“Nenhum homem é uma ilha.” (Thomas Morus)

“Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali eu estou no meio deles.” (Mt 18,19-20)

Estas frases levam-nos a pensar na comunhão que deve existir entre os discípulos de Cristo em duas vertentes diferentes: enquanto dimensão humana e enquanto dimensão religiosa. Por isso, tanto o filósofo, quanto Jesus, nos iluminam na compreensão da Diocesaneidade, que bem vivida e assumida, ajuda-nos, como presbíteros, a enfrentar os desafios e as dificuldades na Vida Pastoral.

Enquanto Presbíteros Diocesanos, viver a Diocesaneidade é nos percebermos um homem de relação, um homem de comunhão. É o caminhar juntos, o pensar juntos e o construir juntos; ou seja, o presbítero é um homem da Sinodalidade.

“Ele trabalha em comunhão, ele vive em comunhão e tem toda a sua vida orientada para a comunhão.” (Presbítero: Testemunhas de Esperança pg. 55).

Podemos aqui destacar quatro dimensões fundamentais para pensarmos no Presbítero como homem de comunhão: amor à Diocese - sentido de pertença; vínculo com o Bispo - proximidade paternal; fraternidade Presbiteral - auxílio entre irmãos e amor-colaboração - boa relação com o ministério do laicato.

Viver bem essas quatro dimensões da comunhão pode nos ajudar a sair do isolamento e enfrentarmos juntos (Bispos, Presbíteros e Leigos), os grandes desafios e as dificuldades da Ação Pastoral.

Pe. Anderson Luís Pereira de Carvalho

“A CONVERSÃO PASTORAL DA PARÓQUIA DEPENDE MUITO DA POSTURA DOS PRESBÍTEROS NA COMUNIDADE”.

[cf. Doc. 100 da CNBB, 202]

A Igreja Católica surge com a ação missionária dos discípulos de Jesus, nos quais, estes eram o próprio povo. Imagino que somos colocados a refletir esse tema em função da crise que estamos passando atualmente, muito em função, também, da complexidade do momento, onde se observa o surgimento de um movimento forte das religiões neopentecostais, as quais se utilizam de ferramentas ilusórias de salvação, no entanto, são efetivas para ganhar adeptos.

Por outro lado, observamos que nossa igreja está envelhecendo com relação ao seu povo, isso faz acender uma luz amarela com tom muito intenso de laranja, próximo ao vermelho.

Portanto, ao mesmo tempo, temos que agir em várias frentes, ou seja, temos que buscar e valorizar os jovens católicos, na medida do possível, desburocratizar a Igreja, apoiar o retorno de nossos presbíteros às origens, ou seja, retomar a ação missionária dos discípulos de Jesus, na formação e fortalecimento de comunidades, ficando, assim, mais próximos do povo de Deus.

Prof. João Roberto da Silva

**“A RENOVAÇÃO PAROQUIAL REQUER
NOVAS ATITUDES DOS PÁROCOS”** [cf. Doc. 100 da CNBB, 204]

A Igreja, fundada pelo Filho, na ação do Espírito, dentro do plano de salvação do Pai, é conduzida por diversos líderes vocacionados por Deus. Qual barco em alto mar, ela navega na história, contando com o testemunho e o serviço dos batizados, e, dentre estes, com os párocos, aos quais foi confiada, pelo Bispo Diocesano, a missão de pregar a Palavra, santificar e governar o Povo de Deus em um determinado território. Em vista disto, eles são chamados a acolherem tal convite na **Fé**, trabalharem alimentados de **Esperança** e deixarem-se envolver pelo mistério do **Amor Divino**.

O que seria de um pároco e do rebanho a ele confiado, sem o exercício da virtude da **FÉ** em Deus? Na sua ausência, a vida humano-cristã se torna insossa, o chamado vocacional se torna incompreendido e o cuidado pastoral, uma simples estratégia organizativa! Para assumir a responsabilidade de “educador da Fé” de um grupo de pessoas, faz-se necessário um exercício constante de se viver a partir da Fé, professada e renovada a cada dia. “A Fé é a virtude teologal pela qual cremos em Deus e em tudo o que nos disse e revelou [...]”. Pela Fé, o homem livremente se entrega todo a Deus. Por isso, o fiel procura conhecer e fazer a vontade de Deus” (CIC 1814), mesmo sem saber se esta *vontade* o conduzirá a alegrias e sucessos ou a diversas formas de cruz, durante o caminho.

Que pároco consegue encontrar ânimo constante para realizar inúmeras tarefas e, também, enfrentar possíveis tensões, provocações e frustrações no exercício de seu ministério, se não vive a partir de uma entrega generosa e confiante ao Mistério de Deus, autor do seu chamado e fiel companheiro de viagem? “O pároco precisa ser um homem de Deus que fez e faz uma profunda experiência de encontro com Jesus Cristo.” (CNBB, Doc. 100, 204) A Fé, alimentada pelas várias formas de espiritualidade é, de modo todo particular, amadurecida na relação cotidiana, dialogal, humilde e filial com o Senhor, por meio da oração pessoal e comunitária, da Liturgia das Horas e da Eucaristia.

A vivência desta Fé, por parte do pároco, é condição essencial para a renovação permanente da missão paroquial por ele assumida e, além do mais, constitui-se impactante testemunho de conversão para aqueles que estão diariamente à sua frente e à sua procura!

O que seria de um pároco sem a consciência e a acolhida da virtude da **ESPERANÇA**, semeada com abundância por Deus no coração daquele que Ele colocou à frente do rebanho paroquial?

Quão infeliz viverá e trabalhará o pároco na continuidade da missão de Jesus Cristo na história, se ele não se alimentar da força da Esperança! Corre o risco de ser engolido pelas responsabilidades e, muitas vezes, pelo emaranhado de situações complicadas, exigentes e desgastantes, próprias de seu ofício e de sua corresponsabilidade na vida diocesana! “A virtude da Esperança responde à aspiração de felicidade colocada por Deus no coração de todo homem. Assume as Esperanças que inspiram as atividades dos homens; as purifica, para ordená-las ao Reino dos Céus; protege contra o desânimo; dá alento em todo esmorecimento; dilata o coração na expectativa da bem-aventurança eterna. O impulso da Esperança preserva do egoísmo e conduz à felicidade da Caridade.” (CIC 1818)

Os grandes Patriarcas e os Profetas, o próprio Jesus e os Apóstolos, muitos dos Santos e Santas... sofreram e não chegaram a mudar muitas coisas ao seu redor, em seu tempo, mas deixaram a Esperança divina inundar seus corações e renovar suas forças. Optaram por sonhar grande, olhar para o essencial e contemplar o que estava por vir... viveram felizes, apesar das lágrimas... e puderam liderar, com coerência e alegria, as pessoas que se encontravam sob seus cuidados.

Quão triste é um pároco que, deixando-se afundar nas inúmeras atividades e desânimos, busca, em vão, ser educador da Esperança e líder daqueles que tanto esperam palavras de incentivo, horizontes renovados, sentido de vida, futuro promissor à luz das Bem-aventuranças e do Pai Nosso! As leis, normas, orientações, diretrizes, obediências e outras questões próprias da condição humana, social, eclesial e diocesana não se tornam pesos insuportáveis para o pároco, quando este vive da Esperança divina. Tal Esperança se alimenta da contemplação da Palavra de Deus e da acolhida filial ao Magistério da Igreja, sempre a conduzir a

“barca de Cristo”, permanentemente sacudida pelos “ventos contrários e mares bravios” (cf. Mt 14,24), pelas ideologias dominantes e pelos falsos profetas, pelas limitações e pecados pessoais, por modismos espirituais e entretenimentos religiosos, por criatividade infantis e liturgias desconectadas com as orientações da Igreja!

Quão segura está uma paróquia avançando para “águas mais profundas” (cf. Lc 5,4), quando o seu principal condutor exala o perfume da Esperança que, vinda do Criador, renova a todos de adequado anseio pelo seu Reino, onde sempre haverá “vida e vida em abundância!” (cf. Jo 10,10)

O que seria de um pároco sem a reta compreensão e a abertura de coração à virtude da **CARIDADE**, “pela qual amamos a Deus sobre todas as coisas, por si mesmo, e a nosso próximo como a nós mesmos, por amor de Deus?” (CIC 1822) Quando um coração está endurecido ou frio, machucado ou carente devido a tantos fatores e por muito tempo, ele não consegue sentir com plenitude o amor divino. Consequentemente, tal coração tem dificuldades de manifestar compaixão e chorar, como o Bom Pastor, Mestre de todo pároco, diante das “alegrias e Esperanças, das tristezas e angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem.” (GS 1)

Não é possível falar do Mandamento maior do Amor, quando a face humana do pároco não testemunha a alegria de ser amado por Deus e de ser chamado a amar o seu rebanho.

Não é possível convencer os fiéis a se amarem, se unirem, se ajudarem, se sensibilizarem, quando aquele que está à frente deles não se empenha na vivência do espírito de comunhão, inclusive com seus próprios irmãos presbíteros.

A fecundidade ministerial do pároco se encontra condicionada à sua relação amorosa com Deus e com o próximo; somente assim, suas inúmeras e, muitas vezes, fatigantes e intermináveis tarefas não serão estéreis! Não é o muito fazer que renova uma paróquia, mas o muito amar: com o mesmo amor de Cristo, com o mesmo amor da Igreja, com o mesmo amor da Diocese! Amor expresso, por exemplo, na maneira de ser e falar, de olhar e sorrir, de anunciar e celebrar, de orientar e corrigir,

de atender e de se colocar à disposição, de sensibilizar-se e tomar iniciativas para curar feridas e auxiliar os que mais sofrem, de valorizar todos os carismas e vocações, de favorecer o diálogo e o espírito sinodal junto aos Conselhos da Paróquia, etc.

O amor humano, que nasce e se alimenta do Amor incomensurável de Deus, anima e transforma o pároco em um incansável missionário, em busca das ovelhas afastadas de Jesus Cristo, perdidas, machucadas, desanimadas, confusas, discriminadas, excluídas. Seu coração, averso a um exercício pastoral exclusivamente de “conservação”, está sempre inquieto, como o Coração de Jesus, quando percebe que no território da paróquia ainda existe alguma ovelha sofrendo.

Sua ação amorosa, qual Bom Samaritano, é capaz de atrair cada vez mais os paroquianos para um serviço comunitário em favor dos pequeninos, preferidos de Deus. O pároco, por força da vocação presbiteral, sabe que foi chamado pelo Amor para amar; seu celibato, assumido e vivido com esmero, não o configura como solteiro, nem o torna solitário. A vida de comunidade e o exercício do amor, na Caridade do Cristo Bom Pastor e a seu exemplo, dão sentido à sua vida e o conduz a amar – com criatividade e generosidade – aqueles que lhe são confiados, até às últimas consequências.

O pároco, sempre disposto a amadurecer como homem, empenhado no processo cristão de santificação, cultiva, mais do que ninguém, as virtudes teologais. Elas são dons divinos concedidos a todos, para que todos sejam capazes de viver, adequadamente, uma profunda, consistente e agradável relação com Deus, com os irmãos, com toda a Criação.

O pároco, em sua especial vocação-missão de evangelizador e animador espiritual, só consegue conduzir bem a paróquia que o bispo diocesano lhe confia, quando se empenha em viver estas virtudes teologais, fonte perene de alegria existencial, de motivação vocacional e de renovação paroquial.

Dom Eduardo Pinheiro da Silva, sdb

ROSTO DE NOSSA IGREJA DIOCESANA

Como parte da Fase do “VER E ESCUTAR”, confiou-se a uma leiga a elaboração de uma síntese que foi submetida ao Conselho de Pastoral Diocesano (CPD) e depois enviada aos Conselhos de Pastorais Paroquiais (CPPs) para que pudessem dar seu parecer e/ou sugestões:

A IDENTIDADE DA DIOCESE DE JABOTICABAL: O nosso rosto!

“São Jerônimo, Padre da Igreja nos séculos IV e V, afirmou a cruz como forma de seguimento a Jesus, porque como o Evangelho diz, se a pessoa não carrega a sua cruz e não segue a Jesus não pode ser seu discípulo (Lc 14,27). A pessoa deve se atrair pela cruz para ser discípulo do Senhor, pela prática das boas obras. Por isso São Jerônimo disse que é feliz o fiel que carrega no seu íntimo a cruz, a Ressurreição, a Ascensão do Senhor, porque a cada dia Ele vem à pessoa pela cruz.”

(cf. no link: <https://www.cnbb.org.br/o-valor-da-cruz-no-seguimento-a-jesus/>)

A afirmação de São Jerônimo quer nos animar a continuar construindo a identidade de uma Diocese ativa, viva, cujos leigos engajados e comprometidos, em unidade com o Clero, façam uso de suas capacidades, espiritualidade e dedicação para desenvolver encontros, celebrações e ações diversas, onde a comunidade participe e encontre sentido na “identidade da Igreja”, sendo sinal de esperança em tempos tão exigentes.

Numa análise feita sobre o “rosto da nossa Diocese”, como ela está sendo conhecida, constatou-se que apesar de sermos uma Diocese que possui aspectos positivos, ainda manifestamos sinais que mostram um rosto que está em dissonância com a identidade da Igreja, que precisa ser reconhecida na Igreja Particular de Jaboticabal. São sinais que mostram uma Diocese com muitas cruces e com grande desafio: possui um Clero com sofrimentos, limitações e desencontros, com carência de

comunhão entre lideranças (Clérigos e Leigos) e visão estreita e limitada, devido à formação ineficiente ou inexistente, e mesmo com compreensão rasa da eclesiologia.

Visto isto, é importante compreender que a construção da nossa identidade consiste em unirmos a força de nossos carismas, sejam eles dos Movimentos, Pastorais, Grupos, Instituições Sociais e Clero, em prol do fortalecimento de nossa Igreja Particular (Diocese), observando o que nos indica a nossa Conferência Episcopal e a Igreja no seu aspecto universal.

Se assim o fizermos, estaremos aprimorando a nossa mentalidade eclesial e vivendo a comunhão proposta pela Boa Nova de Jesus Cristo que indica os aspectos fundamentais da identidade da Igreja: a missionariedade, a misericórdia e a caridade.

Toda essa empreitada necessita de líderes que, infelizmente, como constatamos, são ausentes, indicando um rosto falho em nossa Diocese. Muito perspicaz seria se ao invés de buscarmos líderes, nos dedicássemos estrategicamente na formação dos mesmos, podendo comunicarlhes a visão eclesiológica que os tempos presentes necessitam a fim de vivermos melhor a identidade da Igreja de Cristo, visível na nossa forma de viver a Diocese, em nosso comprometimento naquelas pastorais que atendam melhor as necessidades e os desafios que vivemos.

Os líderes, leigos e clérigos, em contato mais estreito e acolhedor com o Povo de Deus, corresponderão melhor às exigências atuais se compreenderem e viverem profundamente a comunhão eclesial. É na vivência da comunhão que todos podem ampliar a visão para que, antes de mais nada, seja conhecido o chão de cada comunidade: suas alegrias, manifestações de fé, lutas, angústias, suas necessidades e, por fim, suas cruzes.

Ao nos remetermos ao que somos como Igreja Particular, são perceptíveis as sombras sobre nosso modo de ser, mas também vislumbramos as luzes de renovação e do amor que nutrimos pela Igreja, alimentando assim a esperança de muitas melhorias em todos os processos em que estamos envolvidos.

Há manifestações concretas no desejo de melhorarmos a acolhida e o acolhimento entre nós, em superarmos medos e assumirmos com ardor missionário a nossa fé, sendo testemunhas oculares do grande amor de Deus e assim unirmos dons e esforços para a reconstrução da vida comunitária, uma vez que temos visão da dura realidade de muitos irmãos e irmãs que não sentem falta da Igreja.

É importante, como Diocese, vivermos o espírito sinodal, o Projeto “Setorizar para Evangelizar”, aprimorar a comunicação entre nós e mostrar um rosto diocesano pelo qual se enxergue a identidade da Igreja de Cristo na sua mais profunda essência, aquela que, sendo missionária, servidora e misericordiosa acolhe cada vez mais os batizados, melhorando seu rosto, mostrando sua identidade.

Sra. Lúcia Helena Michelin



2025
9ª ASSEMBLEIA
DE PASTORAL
DIOCESANA
"PARA QUE TODOS SEJAM UM."
(Jo 17,21)

Fase

ILUMINAR | DISCERNIR

31 de maio

Fase

AGIR | DECIDIR

30 de agosto

CRONOGRAMA

ITINERÁRIO DA ASSEMBLEIA PASTORAL 2025

Ano de 2024 - Fase do “VER” / “ESCUTAR”

- ✓ 21 de abril - encontro com os Coordenadores dos CPPs;
- ✓ 26 de abril - encontro com os Secretários Paroquiais;
- ✓ 14 de maio - encontro com os Presbíteros;
- ✓ 7 de agosto - na reunião do CPD: exposição da realidade da Diocese de Jaboticabal;
- ✓ 8 a 19 de agosto - elaboração da síntese da análise feita no CPD e envio ao CPP das 45 Paróquias, para possíveis considerações;
- ✓ 30 de setembro - prazo final para as Paróquias enviarem suas colaborações;
- ✓ 30 de outubro - na reunião do CPD: análise do texto sobre o “rosto” da Diocese, divulgação do Calendário Diocesano para o Jubileu 2025 e orientações para as fases seguintes da Assembleia.

Ano de 2025 - Fase do “ILUMINAR” / “DISCERNIR”

“Abrir as portas, isso quero muito. Abrir as portas e percorrer caminhos, a Igreja que imagino para os próximos anos é uma Igreja mais pastoral, mais justa, mais aberta, segundo a linha traçada pelo Concílio Vaticano II: “Devemos percorrer este caminho. Agora, a concretude disso é difícil”.

(Papa Francisco em entrevista ao jornal argentino La Nación, 13 de março de 2023)

ASSUNTOS A SEREM TRATADOS:

1. O ROSTO da Diocese de Jaboticabal

- ✓ Exposição da situação pastoral da Diocese de Jaboticabal
- ✓ Nossas “Alegrias e Tristezas”

2. A VOCAÇÃO-MISSÃO do Povo de Deus na Igreja

- ✓ Bispos, Presbíteros, Diáconos
- ✓ Religiosos (as), Leigos (as)
- ✓ As Organizações diocesanas: Conselhos (CPD, CP, CAED, CC), Paróquias (CPP, CAEP), Comissões de Pastoral, Cúria

3. “CAMINHO, VERDADE E VIDA” da Igreja

- ✓ A Palavra de Deus
- ✓ O Magistério Eclesial Universal e as conclusões do Sínodo
- ✓ Os caminhos das DGAE (CNBB) para a Diocese

Ano de 2025 - Fase do “AGIR” / “DECIDIR”

A **teologia pastoral** "exige que todos os outros ramos da teologia levem em consideração a realidade concreta da vida humana e os seus sofrimentos de uma forma muito mais substancial na formação de doutrina". As "três bases fundamentais" para essa compreensão da **teologia pastoral** são:

- ✓ A "certeza de que não apenas a atividade, mas de que a própria natureza da Igreja envolve a ação pastoral para curar os corações de homens e mulheres que sofrem";
- ✓ O reconhecimento de "que a Igreja deve espelhar a **ação pastoral** do próprio Senhor";
- ✓ O princípio de "que a identidade pastoral e a ação da Igreja devem ser enraizadas nas situações de vida que homens e mulheres realmente experimentam no mundo de hoje."

(cf no link: <https://www.ihu.unisinos.br/sobre-o-ihu/188-noticias/noticias-2018/580361-bispo-mcelroy-aponta-realidade-vivida-no-coracao-da-teologia-pastoral-de-francisco>)

NESTA FASE DA ASSEMBLEIA IREMOS:

1. Socializar as principais conclusões da **FASE DE ILUMINAÇÃO**;
2. Detectar nossos maiores **DESAFIOS**;
3. Pontuar nossas principais **ESCOLHAS** que nos nortearão nos próximos anos.

PARTICIPANTES DA 9ª ASSEMBLEIA

Os representantes diocesanos desta Assembleia Pastoral serão:

- **os Párocos, os Vigários e Administradores Paroquiais, os Diáconos Permanentes;**
- **os Coordenadores e os Vice Coordenadores** (ou Secretários) dos CPPs;
- **os membros do CPD** (Conselho de Pastoral Diocesano);
- **o Reitor do Seminário e os seminaristas** das etapas da Configuração e do Ano Pastoral.

A Assembleia será convocada pelo Bispo Diocesano e o documento de convocação será publicado nos meios de comunicação oficiais da Diocese. Todos os participantes têm direito de voz e voto.

É sempre oportuno ressaltar que as decisões da Assembleia, acolhidas e promulgadas pelo Bispo, obrigam em consciência os responsáveis pela pastoral, em nível paroquial e diocesano, devendo ser acolhidas em espírito de corresponsabilidade eclesial em toda a Diocese de Jaboticabal.

CONCLUSÃO

“Eis que estou colocando diante de ti a vida e a felicidade, a morte e a infelicidade. Se ouvires os mandamentos de Deus que hoje te ordeno, amando a teu Deus, andando em seus caminhos e observando seus mandamentos, seus estatutos e suas normas, viverás e te multiplicarás ... eu te propus a vida e a morte, a benção e a maldição. Escolhe, pois, a vida, para que vivas tu e a tua descendência”. (Dt 30,15.19)

Memórias, Caminhos e Sonhos nos colocam no caminho da vida e da história diocesana, nos sugerem que pensemos o passado e o futuro da nossa Diocese e nos remetem ao episódio bíblico presente em Deuterônomo, que mostra a condição do povo de Deus em seu retorno do exílio, com a exigência de seguir mais firme, mantendo a aliança com Deus através da fé e da abertura de coração, a fim de viver e ser feliz. Nesta situação, foram propostos ao povo dois caminhos, com a indicação para que escolhesse o melhor, o que resultaria em vida para todos e para cada um.

Também para nós, Povo de Deus, clérigos e leigos, se evidencia a possibilidade de mais uma vez ouvir a Deus, que nos fala bem de perto e nos mostra dois caminhos, para escolhermos aquele que melhor atende às nossas necessidades pastorais e que nos propõe vida, felicidade e garantia de um futuro melhor na ação pastoral e evangelizadora em nossa Diocese.

Este caminho é o da **Pastoral como um serviço fiel da nossa Igreja Diocesana** diante dos apelos da Igreja no mundo inteiro, que não suporta o sofrimento causado pela opção do fechamento e do comodismo (cf. EG 49), muitas vezes formado pelo egoísmo, pelo “modismo espiritual” e pelo devocionismo, que ferem a piedade popular e por decisões que não acolhem os mais necessitados, deixando de ser uma Igreja marcada pela caridade como traço fundamental.

O caminho que devemos escolher é o da comunhão, do esforço pelo servir, da participação na vida comunitária, da missionariedade, da responsabilidade com a nossa casa comum e da caridade, que mais perfeitamente nos conecta ao Evangelho: “estive com fome e me deste de comer...” (Mt 25,34).

Tal caminho é aquele que, inúmeras vezes e de forma incansável, o Papa Francisco tem nos mostrado através de seu pontificado, caminho este que se define e se intensifica na medida em que se reforça o incentivo para que sejamos uma “Igreja sinodal em saída”.

Para escolher o caminho que seguiremos nos próximos anos, é urgente a compreensão de que, enquanto Diocese, somos parte de uma organização eclesial bem maior. Estamos fortemente vinculados à nossa Conferência Episcopal, a CNBB. Dessa forma, a escolha diocesana não deverá ser diferente daquela que os nossos mais de 400 Bispos decidirão na 62ª Assembleia Geral, em 2025, quando serão colocadas em nossas mãos as novas diretrizes para a evangelização no Brasil.

Somos, portanto, bispo, padres, diáconos, religiosos e religiosas, leigos e leigas, membros do Povo de Deus, onde a CNBB nos representa. A nossa vida e felicidade no campo pastoral e eclesial passam pelo discernimento e pelas decisões de nossos Bispos, conscientes da realidade do povo e da missão da Igreja. É importante que rezemos por eles e que colaboremos com seu ministério, com suas decisões.

Dessa forma, a 9ª Assembleia de Pastoral Diocesana **deseja ser um espaço de esperança e discernimento**, com a finalidade de entendermos a melhor maneira **para aplicação** das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil em nosso território.

Assim sendo, torna-se imprescindível a participação de todos os convocados para a Assembleia. Cada Paróquia, com suas particularidades, condições e potenciais, é uma força diocesana para a Evangelização. Nossas 45 Paróquias poderão desenvolver excelentes trabalhos e iniciativas, se estiverem intimamente ligadas às escolhas diocesanas definidas em Assembleia.

Para tanto, é preciso enxergar a Diocese além de sua organização institucional, vê-la, senti-la e conhecê-la em sua dimensão mística. Na Igreja Diocesana está a totalidade da Igreja Católica sob a presidência de um pastor próprio, assim como em cada paróquia está um pároco, que a preside, mas que permanece em sintonia, ligado ao Pastor Diocesano, o Bispo. *“Esta é a única Igreja de Cristo que no Símbolo confessamos una, santa, católica e apostólica; que nosso Salvador depois de Sua ressurreição entregou a Pedro para apascentar (Jo 21,17) e confiou a ele e aos demais apóstolos para propagar e reger (cf. Mt 28,18), levantando-a para sempre como ‘coluna e fundamento da verdade’ (1Tm 3,15). Esta Igreja, constituída e organizada neste mundo como uma sociedade, subsiste na Igreja Católica governada pelo sucessor de Pedro e pelos Bispos em comunhão com ele.”* (LG 8)

Na Diocese se reconhece, com a ação de seu pastor, com a administração dos sacramentos, com a ação evangelizadora, a única e verdadeira Igreja de Cristo. Em nossa Diocese de Jaboticabal, a dinâmica pastoral é desenvolvida por meio da ação das **seis Comissões de Pastoral**. Elas devem ser compreendidas como organismos que facilitam o trabalho nas Paróquias, nos movimentos, nas organizações eclesiais e nas diversas pastorais. Estas comissões garantem, com a aplicação de seus objetivos, com sua organização e suas diretrizes, que a Diocese atenda todas as forças pastorais de evangelização. Por isso, espera-se que todos as valorizem e as utilizem naquilo que lhes é próprio. A Diocesaneidade no desenvolvimento de qualquer atividade pastoral em nosso território depende de como nos relacionamos com as comissões existentes.

Sendo assim, esperamos que no desenvolvimento da 9ª Assembleia todos saibamos compreender em quais aspectos da vida, do ministério, da ação pastoral e dos organismos paroquiais e/ou diocesanos há necessidade de conversão. A conversão na forma de pensar e no modo de agir é uma necessidade que obriga a todos. Nenhuma pessoa que tenha sido chamada por Cristo para a vida em comunidade na Igreja tem o direito de ficar alheia. Ao contrário, todos, com maturidade e fé, devemos saber nos **enxergar, reconhecer a nossa própria vocação e discernir qual é nossa função na Igreja Diocesana.**

A 9ª Assembleia de Pastoral, projetada em três fases, servirá para iluminar a vida diocesana com as luzes da Igreja “que vem de Cristo” (LG, n.1), bem como para discernir os caminhos, os projetos e a forma de execução que assumiremos.

A fase de conhecimento da realidade aconteceu nestes dois anos, indicando-nos desafios, sofrimentos, carências e alguns sonhos.

A fase de iluminação está prevista para acontecer ainda no primeiro semestre de 2025, com data a ser definida.

Na fase de decisão teremos a missão de escolher os caminhos a seguir e acontecerá no segundo semestre do mesmo ano. Em todas essas fases, espera-se que todos saibam reconhecer os caminhos já percorridos nesses 95 anos da Diocese de Jaboticabal, desde sua criação até nossos dias. Com isso, iluminados pelo Espírito Santo e fazendo memória da vida e da história diocesanas, sem nos paralisarmos em saudosismos que tantas vezes geram uma Igreja obsoleta, poderemos abrir-nos ao novo, com santa coragem e ousadia de sonhar, acreditar, sentindo-nos capacitados a dar novos e fecundos passos, através do compromisso batismal da vocação cristã, da obediência, dedicação e fé eclesiais e do empenho na propagação do Reino de Deus.

Para isso, estamos aqui: navegarmos juntos em “**águas mais profundas**” (Lc 5,4), mergulharmos no “oceano do Espírito”, confiantes e dóceis às suas moções. Por isso estamos aqui: fomos chamados e escolhidos.

Estejamos dispostos e animados para aceitar o desafio lançado: escolher o caminho “que nos propõe vida, felicidade e garantia de um futuro melhor na ação pastoral e evangelizadora em nossa Diocese”.

Jaboticabal, 07 de novembro de 2024.

Pe. Rosinei Erasmo da Silva
Coordenador de Pastoral Diocesano

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Citações da Bíblia cf. *Bíblia de Jerusalém*, 2ª ed., São Paulo: Paulus, 2002.

CONCÍLIO VATICANO II, “Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium: sobre a Sagrada Liturgia”, in Idem, *Documentos*. Brasília: Edições CNBB, 2018, p. 21-73.

_____, “Constituição Dogmática Lumen Gentium: sobre a Igreja”, in Idem, *Documentos*. Brasília: Edições CNBB, 2018, p. 75-173.

_____, “Constituição Pastoral Gaudium et Spes: sobre a Igreja no mundo de hoje”, in Idem, *Documentos*. Brasília: Edições CNBB, 2018, p. 199-329.

BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus Caritas Est*, Brasília: Edições CNBB, 2005 (Col. Documentos Pontifícios, n. 1).

FRANCISCO, *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, Brasília: Edições CNBB, 2015 (Col. Documentos Pontifícios, n. 17).

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2ª ed., Brasília: Edições CNBB, 2013.

CELAM, *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*, Brasília – São Paulo: Edições CNBB – Paulinas – Paulus, 2007.

CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2008-2010*, Brasília : Edições CNBB, 2008 (Col. Documento da CNBB, n.87).

_____, *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia - A conversão pastoral da paróquia*. Brasília : Edições CNBB, 2014 (Col. Documento da CNBB, n. 100).

_____, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023*, Brasília : Edições CNBB, 2019 (Col. Documento da CNBB, n. 109.).

BRIGUENTI, Agenor. *A ação pastoral em tempos de mudança: Modelos obsoletos e balizas de um novo paradigma*. Disponível em : <http://www.vidapastoral.com.br/artigos/temas-pastorais/a-acao-pastoral-emtempos-de-mudanca-modelos-obsoletos-e-balizas-de-um-novo-paradigma/>. [Acesso em 09 de agosto de 2024.]

CARVALHO, Humberto R. *Presbíteros: Testemunhas da Esperança - “Alegres na esperança, perseverantes na tribulação, constantes na oração” (Rm 12,12)*, Brasília: Edições CNBB, 2023.

CERVI, Marcelo. *A Diocese de Jaboticabal a caminho da sinodalidade. Reflexões em vista do seu primeiro centenário*. Jaboticabal 2024 [no prelo].

CORBELLINI, Vital, *O valor da cruz no seguimento a Jesus*. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/o-valor-da-cruz-no-seguimento-a-jesus>. [Acesso em 31 de agosto de 2024.]

